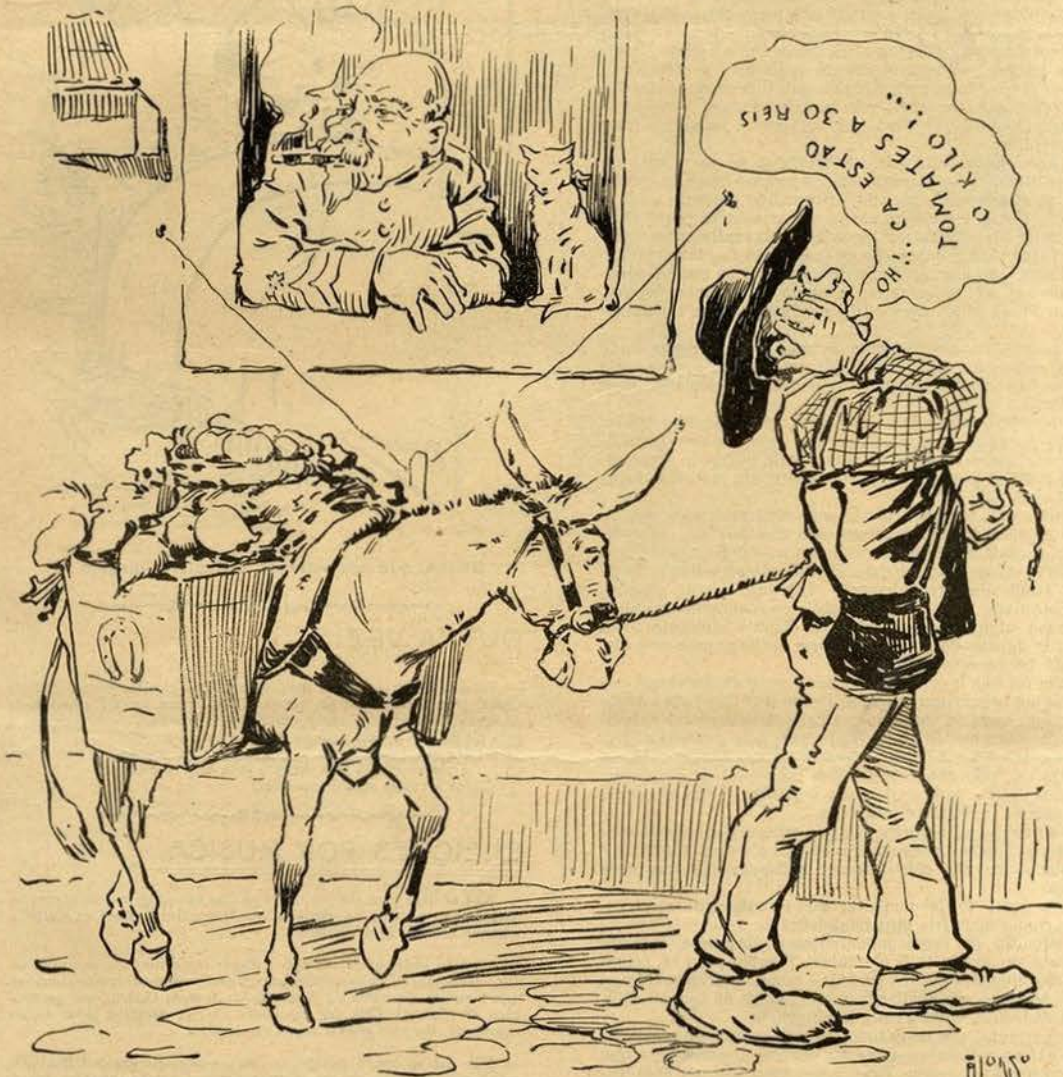




COSTUMES POPULARES. — Generos de primeira necessidade



Para a falta que se nota, não achamos muito caro ...

1913

Partido monarchico

Falla-se na organização d'um partido monarchico, e uma entrevista, recentemente publicada na *Nação*, com o sr. dr. José d'Arruella, veiu dar a esta ideia uma forma mais definida.

Parece-nos que o assumpto deve ser devidamente ponderado, para que todas as circumstancias sejam attendidas de forma a que nenhum factor importante seja desprezado, e muito menos para que qualquer sentimento menos alevantado possa pezar na organização e confecção de tão importante corpo politico.

Não fomos até agora ouvidos sobre o caso, mas isso não nos impede de registrar a nossa opinião, não só com o desasombro de sempre, mas tambem com a auctoridade de quem toda a sua vida tem sabido manter-se atravez de perseguições, ameaças e transtornos no seu modesto posto de soldado da causa monarchica.

Em primeiro lugar não sabemos bem o que se tem em vista quando se diz organizar um partido monarchico. Se o termo quer significar a necessidade que ha em centralisar a orientação dos elementos monarchicos n'um corpo dirigente, apoiámos entusiasmaticamente a ideia. Se porém essa organização tem em vista aggremiar individuos como é de uso fazer-se nos grupos politicos separados mais pelo personalismo dos seus chefes do que pelas ideias, que, diga-se de passagem, raras vezes existem, então não só discordamos, como achamos prejudicial a tentativa que porventura se vier a fazer n'esse sentido.

A causa monarchica não representa só no nosso paiz um credo politico. Firma-se enraizada ao proprio berço da Patria, consubstanciando-se com ella e formando portanto a causa nacional. Dos que d'ella se afastaram, arrastados por chimericos sonhos ou levados por inconfessaveis sentimentos d'ambição, formou-se a opposição ás suas bases fundamentaes, e esta, então, com a necessidade de aggremiar os seus elementos mais ou menos sinceros, mais ou menos interesseiros, para medir as suas forças e forjar os seus planos revolucionarios.

Os outros, os que ficaram, os que permaneceram onde sempre estiveram, não podem ser um partido, porque seria desprimoroso dar tão restricta designação á maioria absoluta d'um Povo.

E' incontestavelmente o sr. dr. José d'Arruella uma valiosa adhesão á causa monarchica, porque os seus dotes d'intelligencia e a sua actividade de combatente intrepido crearam-lhe na politica portugueza, ultimamente, um merecido lugar de destaque.

A sua acção, portanto, muito pode contribuir para que no campo monarchico se estabeleça, pela criação d'um corpo dirigente, a unidade de vistas absolutamente indispensavel aos superiores interesses da Patria. Da falta de semelhante organismo ainda bem recentemente (referimo-nos ás eleições administrativas) se sentiu a acção dos monarchicos, intervindo em algumas localidades na disputa eleicoeira com manifesto agrado do governo, a quem muito conveio essa disparatada cooperação politica.

E não foi esta a primeira vez em que se evidenciou a ausencia d'um organismo dirigente. Desde 1910 que toda a acção monarchica anda ao capricho pessoal do primeiro que se lembra de se armar em dirigente. Tudo, portanto, que seja acabar com este cahos, onde se entrecrocavam ideias e temperamentos antagonicos, tudo que seja dar-lhes uma unidade, imprimirlhes uma feição, indicar-lhes um caminho, é não só necessario, mas de indiscutivel utilidade.

Como conseguil-o porém? A que criterio deve obedecer a escolha dos homens que sejam investidos n'essa alta função? Que qualidades são estricatamente indispensaveis que elles possuam?

Eis o que é mister ponderar com o mais rigoroso escrupulo e com a mais fria imparcialidade.

A situação da causa monarchica no presente, é muito diferente de antes de 5 d'outubro. D'então para cá, com o unico thermometro seguro para taes casos (a adversidade), é que se tem podido avaliar bem os homens no seu character, na sua dedicação e até na sua intelligencia.

Ha, portanto, que pesar todos os elementos; e do resultado d'esse exame collocal-os nos seus devidos logares, para que harmonicamente possam funcionar, tomando por guia iniciadora, que a monarchia cahida em 1910 *cahiu de vez*, porque a aspiração de todos os que desejam reatar a continuidade historica interrompida com a jornada da Rotunda, quer,

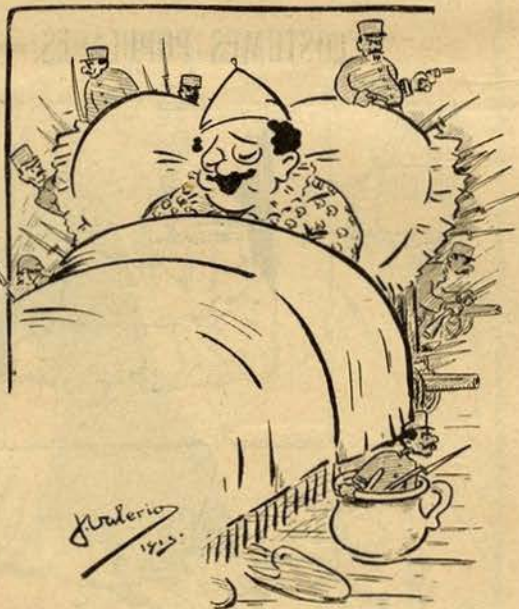
exige, com novos homens, novos processos e nova orientação, aproveitando tudo o que de bom havia, é certo, e que era muito, mercê de Deus, mas armazenando em muzeu de reliquias historicas o que de mau existia e que era infelizmente bastante.

E para que a nação saiba, medite e avalie o que pretendem os que, pelo seu resurgimento, independencia e futuro, trabalham, é preciso que estes lh'o digam, não com palavras vagas, mas em termos correctos e bases definidas.

Este deve ser, pois, um dos pontos mais seriamente a estudar. Merece-nos este assumpto um especial interesse, porque o reputamos essencial e por certo a todos que nos lêem, acompanhando o nosso sentir.

A elle voltaremos, pois, porque muito ha a dizer sobre tão magno e importante caso.

Sua excellencia repousa



Dorme, que nós velamos, seductora imagem...

OUTRA VEZ...

Volta a fallar-se, para uma entrada no governo do sr. Affonso Costa, n'uma recomposição provavel, no nome do sr. conselheiro Anselmo de Andrade, antigo ministro da fazenda, da monarchia, e pela ultima vez á data de 5 de outubro de 1910.

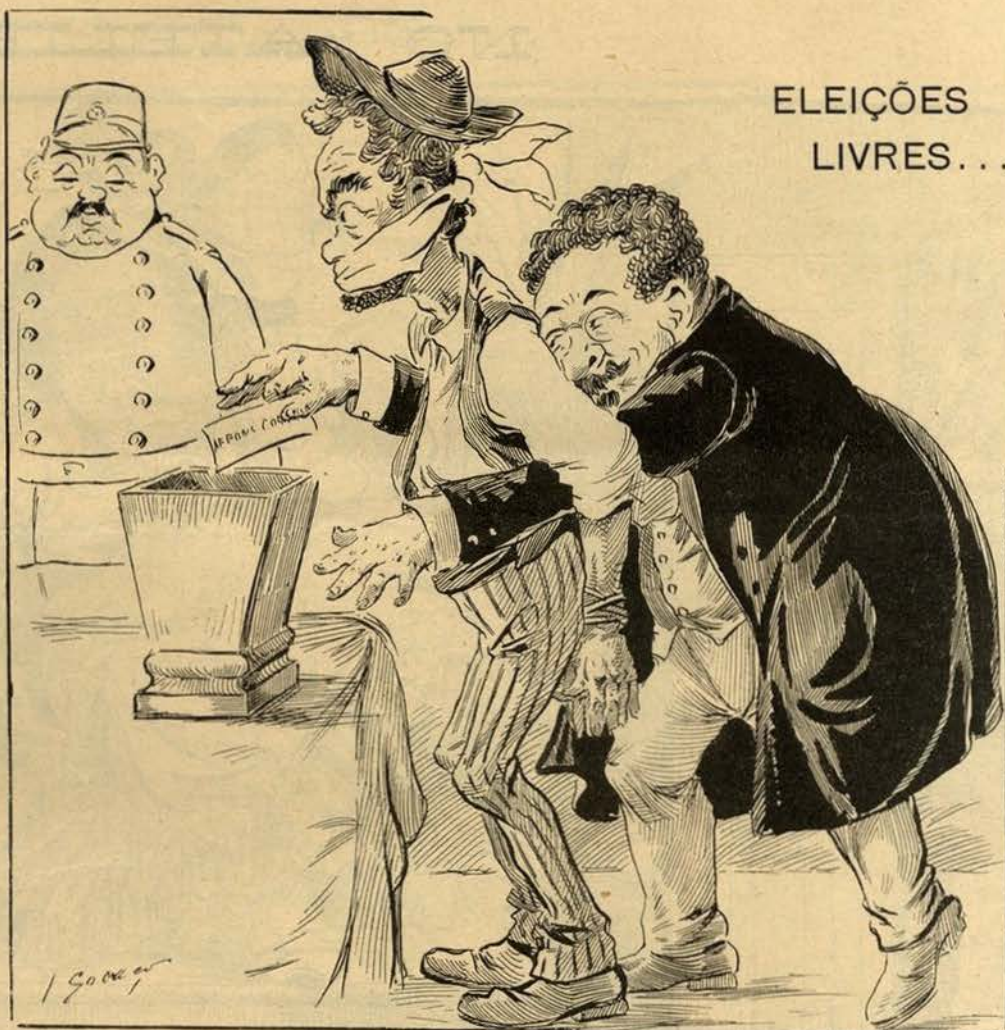
De vez em quando o sr. Teixeira de Sousa manda apalpar o fruto... a ver se elle já está maduro para se poder colher. Vamos a ver se será d'esta feita.

ELEIÇÕES POR MUSICA

Não se diga para ahí que n'este paiz se não progride! Imaginem os leitores que na ilha da Madeira, na freguezia do Arco da Calheta, segundo conta o *brado d'Oeste*:

«O acto eleitoral correu sem o menor incidente, a contento de todos, vendo-se ali pessoas distintas, agradavelmente impressionadas, pelo facto da *orquestra da freguezia do Arco da Calheta, que acompanhava os eleitores d'ahi, têr executado na rua diversas peças do seu repertorio, durante grande parte da eleição.*»

Não diz se houve *salsifré* ou se o repertorio era de Offenbach, mas a calcular pelas *pessoas distintas* que ali se viam *agradavelmente impressionadas*, é de presumir que, pelo menos, se jogassem algumas partidas de *liques* e se batesse o fado chulipa... Ah! isto agora é outra coisa...



Assim é que foi!

CÃ TEMOS OUTRO

Um *assíduo leitor* d'O *Thalassa* pergunta-nos se já adherimos ao Sr. Affonso Costa em vista de ter recebido o nosso numero 35 com capa verde e o 36 com capa encarnada. Não, senhor, não adherimos, descance, homem de Deus!

Lembre-se porém que *rosa não é vermelho* e *rosa* era a cor do numero 36. Entretanto, vemos que o *assíduo leitor* é dos taes que pretende a restauração monarchica apenas com balas de papel... azul e branco.

Ora não seria melhor que nos preocupassemos com coisas mais serias do que com as cores das capas d'esta ou d'outra publicação, cujo valor estará na sinceridade da sua forma combativa e não nas cores dos papeis em que se imprimir?

Porque não havemos todos de ser praticos e de abandonarmos pieguices de collegial animado?!

Ora, pois, paciencia, amigo leitor...

TROÇANDO

O orgão do governo annuncia que as proximas eleições geraes são para o anno e diz que todos os partidos se devem desde já ir preparando para a lucta.

Não faça troca da pobreza...

NOVIDADE

O sr. Manuel de Arriaga tambem foi votar nas eleições.

E' uma novidade, mas achamos bem. Mesmo, depois d'aquella celebre carta dirigida ao *Mundo* no dia do seu anniversario, parecia mal não ir votar no seu partido.

Ah! que cara devem ter feito os srs. Antonio Zé e Camacho!...

TONTINHAS...

Termina assim a D. Micas Veludo o seu artigo no penultimo numero da *Madrugada*:

«Pelo sangue derramado nos dias tragicos de outubro, pelas lagrimas então vertidas, pela alegria do triunfo, — juremos, irmãs! juremos nunca desamparar a bandeira bicolor, a bandeira verdadeira dos dias da revolução!

Juremos educar no ideal republicano os filhos do nosso amor! Juremos defender a Republica até ao nosso ultimo alento!

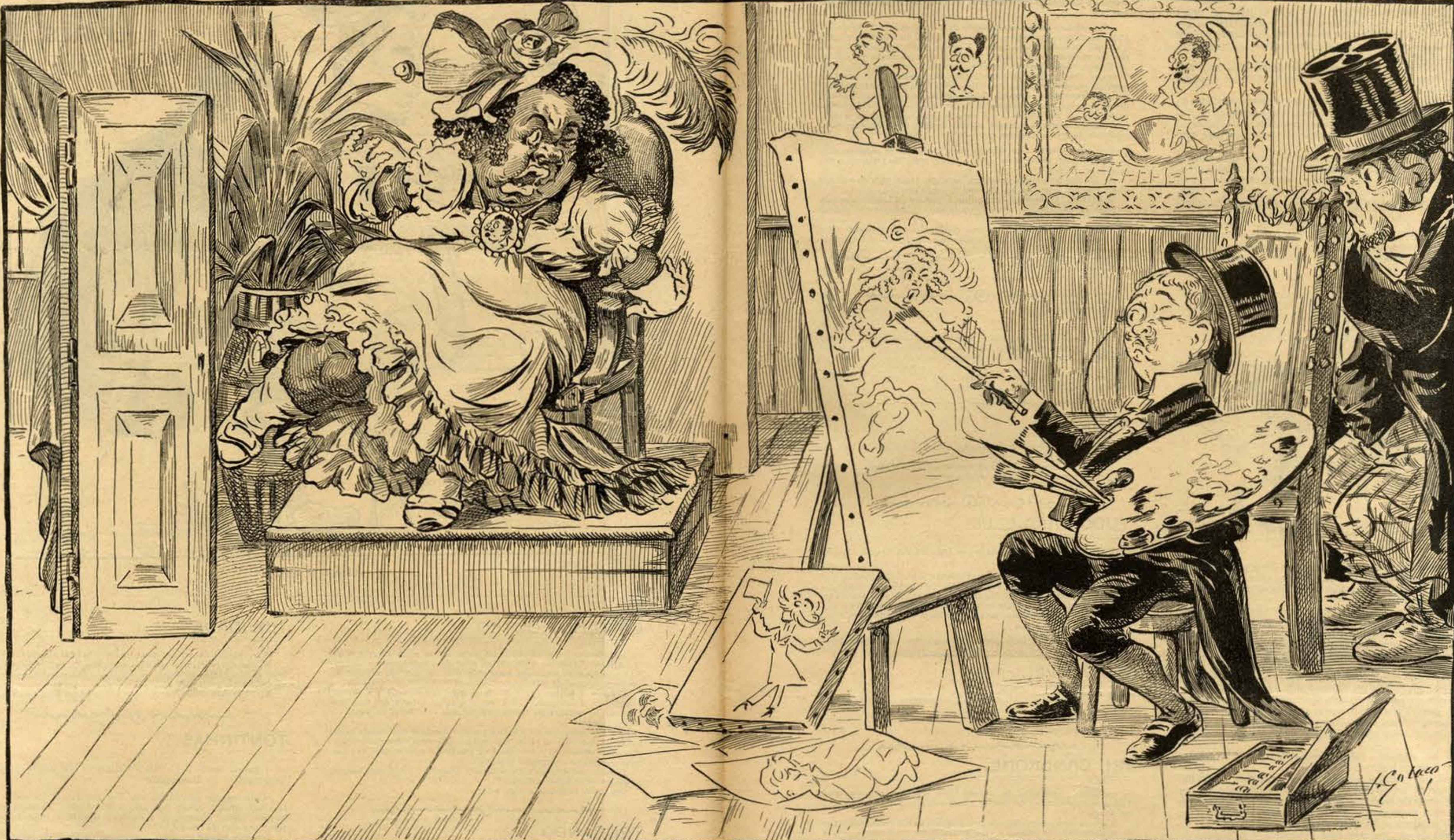
Viva a Republica!

M. V.

Os filhos do nosso amor?! Brejeiras!...

E a dizerem então mal dos homens... para *inglez vêr*!...

NO "ATELIER,, D'"O THALASSA,,



ZÉ:—O que tem a Senhora Angola que está de queixos á banda?!

"THALASSA,,:—Ora . . . é o resultado da "porta aberta,, . . . foi um ar que lhe deu!

D'AQUI A QUARENTA ANOS

(Extracto d'uma sessão na Camara dos Deputados)

UM NETO DO SR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA:— Sr. presidente! O partido evolucionista continua considerando o governo como o desorganizador da sociedade portugueza e por isso intima-o a abandonar as cadeiras do poder. (*Agitação nas bancadas democraticas*).

O SR. FRANÇA BORGES (*erguendo-se amparado a uma bengala*):— Fôra o urso! Fôra o reaccionario! (*Muitos apoiados nas bancadas democraticas*).

O orador (*continuando*):— Já meu avô, o illustre fundador do partido evolucionista e preclaro cidadão que se chamou dr. Antonio José d'Almeida, preconizou a necessidade da queda do governo, embora nunca conseguisse vêr realizado esse acto patriótico que emanciparia a nação.

UM BISNETO DO SR. BRITO CAMACHO (*com extraordinaria vehemencia*):— Apoiado! Apoiado! Também o mesmo aconteceu ao meu bisavô e inolvidavel dr. Brito Camacho, chefe do partido unionista. Lamento, sr. presidente, os sorrisos escarinhos que estou vendo nos labios do sr. presidente do ministerio.

O SR. DR. AFFONSO COSTA, presidente do ministerio (*erguendo-se*):— Sr. Presidente! Não tomarei muito tempo á camara para responder aos ataques anti-patrioticos da opposição. (*Vivos apoiados da direita*). O governo conserva-se



ainda no poder porque desde 1913 o paiz lhe tem manifestado sempre a sua absoluta confiança, quer nas urnas quando consultado, quer nas manifestações espontaneas com que quasi diariamente o aclama.

O SR. FRANÇA BORGES:— Muito bem! Cante-lh'as assim. O orador (*continuando*): Estamos ha quarenta annos no poder, é certo, mas posso garantir á camara que o governo se sente forte e vigoroso como nunca e que continuará firme no seu posto outro tanto tempo, porque assim é preciso para bem da Patria. O governo despreza e repelle todos os ataques ambiciosos dos maus republicanos e dos reaccionarios vendidos ao estrangeiro que o tentam beliscar nas folhas de couve da imprensa. Se o parlamento entender que este não é o unico caminho patriótico a seguir, que o diga, porque sahirei já por aquella porta (*Todos os deputados democraticos se erguem, batendo palmas e dando vivas, rodeando o sr. presidente do ministerio*).

Vozes da direita.— Não! Nunca! Não sahirá! Apoiado! Apoiado! Fôra os traidores!

As galerias rompem tambem n'uma grandiosa manifestação de apreço ao governo, no que são acompanhados por alguns musicos da *Academia Almadense*, que ali se encontravam com os seus instrumentos e que executaram, no meio d'um louco entusiasmo, a *Maria da Fonte*.

O neto do sr. Antonio José d'Almeida e o bisneto do sr. Brito Camacho receberam curativo n'uma pharmacia proxima.

IMPERDOAVEL

O sr. Mayer Garção, que é a unica cabeça que sabe o que diz na gazeta de S. Roque, embora nem sempre diga o que sabe, lanchando acerca da memoravel conferencia do sr. Chico das Pegas, sabe-se com esta:

«Com effeito, desde a implantação da Republica não se regista nenhum conflito com qualquer Estado. Já acerca do tempo da monarchia não se pôde dizer o mesmo. Tivemos com a Inglaterra a questão que produziu o ultimatum. Tivemos com a Alemanha o incidente de Kionga. Com o proprio Brasil tivemos uma seria desintelligencia. Com que direito, pois, se propala que o estrangeiro nos aborrece ou despreza porque instituímos uma Republica? O que os factos demonstram é puramente o contrario. O estrangeiro começa a considerar-nos um valor internacional, depois de haver reconhecido as energias da nossa raça, o espirito da nossa nacionalidade, que se tinha julgado para sempre adormecido, desde outubro de 1910 que o estrangeiro se capacitou de que ha aqui um povo.»

Ora como queria o sr. Garção que a Inglaterra se zangasse com os republicanos portuguezes dada a forma como lhe trataram o seu subdito sr. Hinton?

A Alemanha tambem não terá de certo razão para se queixar d'este regimen, que tem um governo de porta aberta...

O Brazil... O Brazil é da familia. E por ser da familia não é de ceremonias, não obstante termos para lá exportado o *mezuras*, se bem que de lá o importámos.

Quanto á consideração em que o estrangeiro nos tem como valor internacional... e colonial, não ponha mais na carta... *d bon entendeur dent mot suffi*...

O sr. Mayer Garção, pela sua illustração e intelligencia, tem por dever, se não quizer dizer a verdade, pelo menos não a achincalhar. Deixe essa ruim tarefa para os escribas deciliteiros.

A RAZÃO

Escreve-nos um provinciano dizendo que, estando em Lisboa, assistiu ao ultimo cortejo em honra do nosso Cezar, no dia seguinte ás eleições para deputados, e que estranhou vêr mais pés do que botas.

Pois não tem nada que se admirar. Iam assim para não fazerem bulha ao sr. Affonso Costa, que estava doente.

SUJIDADES

Pergunta-nos um leitor se lemos a biographia d'aquelle Homero do Lencastre, do Porto.

Lemos, sim senhor. Mas não queremos bulir n'essa e n'outras creaturas d'igual jaez para não sujar a penna.

Brrr! Que nojo!...

TUDO PARA ELLE

Do de S. Roque, acompanhando os foguetes das eleições municipaes:

«De novo o eleitorado portuguez afirmou a sua solidariedade politica com os homens que desde janeiro se encontram á frente dos destinos da Patria e da Republica. Os seus votos, as suas simpatias, os seus entusiasmos são para o Partido Republicano, são para o ministerio que está consolidando a Republica e erguendo o prestigio moral e politico do país.»

Com tanta fartura, Deus queira que não tenha alguma indigestão!

É POSSIVEL!

Os gatunos arroubaram a igreja de Paredes e roubaram o vaso do sacratio!

Talvez fosse p'ra brindar alguma dama!

Ha gatunos tão gentis!...

AH! CAMBRONE...

Os livres pensadores do Registo Civil reuniram para protestar contra as apprehensões de jornaes e encerramento das associações... em Praga!

E não ha uma praga que nos leve esta não menos verdadeira praga de comediantes que passam a vida a bisbilhotar a dos outros, sem se importarem com o que lhes vae por casa?!

Lá fora julgar-se-ha que Portugal é o paiz onde a liberdade irradia por todos os lados, quando afinal a unica liberdade que ha n'este abençoado torrão é a de dizer ou fazer asneiras e de ser partidario do sr. Affonso ou vice-versa.

De resto, é tudo uma e a mesma coisa.

NONES, DRAMATOGRAPHO!

Excedeu-se em muito a si proprio!

Saiu-se com'un catita!

O grande Nones, almirante por uma lei especial, director de uma escola superior, senador, fogoso tribuno, utilissimo coeфициente do grupo parlamentar de amigos de Peniche, da China y muchas cosas mas, conquistou um novo e indiscutivel titulo de gloria!

Nones, que já tinha causado uma verdadeira revolução nas academias scientificas com as suas assombrosas descobertas dos fusos, das horas e das abelhas, acaba de dar á luz, figuradamente fallando, um grandioso monumento de litteratura *theatral*, segundo a classificação dos *intellectuales da ficção*, destinado, sem duvida, a causar admiração em todo o *systema planetario* e seus arredores!

Mas que maravilha!

Uma obra iniciada quando o inspirado auctor era ainda menino e moço e concluída ao fim de quarenta e tres annos de labor, conforme a declaração expontanea do delinquente!

E não admira!

Tardou, mas arrecadou!

Imagem! Cinco actos de dimensões taes que, ou se ha de representar em duas noites, em retalhos, p'ra liquidar, e assim o auctor o diz, na primeira noite seria tragedia e na segunda drama; ou se representará por junto, de fio, a seguir, e n'este caso a representação preencherá uma noite inteira, começando ao som do pregão dos *bons marmellos assados*, p'ra cair o panno sobre o ultimo acto á hora em que a *fava rica* já anda na rua!

Para se adoptar a segunda solução, é ainda o mesmo dramata que o esclarece, bem escusadamente aliaz, seria necessario dispor de artistas muito resistentes de ouvintes muito pacientes! — Uma companhia de luctadores do Colyseu a representar p'ra um publico de *pachorrentos bois lucrando*!

Outros alvites apresenta o já immortal Nones, para o interessante aborço poder representar-se a seguir: o corte de varias scenas menos essenciaes, o corte do IV acto, outro corte simultaneo d'este mesmo acto e das scenas menos essenciaes!

Estes alvites, porém, devem ser completamente postos de parte. Truncar a obra do Mestre?! Nunca, jámais, por principio algum! Tudo n'ella é, não só essencial, mas essencialissimo! Não ha ahí uma scena, uma falla, uma virgula sequer, que possa dispensar-se! Seria um crime de lesa-bom-gosto, um sacrilegio até! Onde estaria Deus se tal consentisse?

Para pôr em scena a phenomental peça será preciso um grupo de artistas com o effectivo de um regimento de infantaria de linha em pé de guerra, com sapadores, vivandeiras e tudo! Calculem. Alem de vinte e sete personagens de nomeação e attribuições definidas, mette mais, na comparsaria: frades de S. Domingos (p'ra ser agradável aos *reacionarios* e para arrelhar as gentes do *livre-penso*), varios hebreus dos dois sexos com crianças, homens d'armas, populares dos dois sexos (sem crianças), esbirros (da secreta), proprietarios (victimas do *superavit affonso-da-costa*), camponezes dos dois sexos (infecundez como os populares supra mencionados), Apollo (que se sente deslocado no meio dos comparsas), mais (genero *solomonas*), musas (*typo Veludas*), etc., etc.!

A primeira e talvez maior difficuldade para o feliz emprezario que alcançar a prodigiosa peça, será por certo a materialização d'aquelles enigmaticos *etceteras*! Um verdadeiro canudo!

Da acção desenvolvida no *drama-tragico* o que diremos? Nada por enquanto. De um trabalho de tanto folego, incubado durante quarenta e tres annos, que levou um tão longo lapso a imaginar, a corrigir, a completar, não é possível fazer uma apreciação justa, assim do pé p'ra mão, sobre o joelho, enquanto o mafarrico estrega um olho! Só uma intelligencia privilegiada, como a do feliz dramata, o poderia conseguir! Vamos tentar percorrer aquelle labyrintho, procuraremos sondar aquelle cahos, e prestaremos depois as homenagens devidas ao novo trabalho d'Hercules e ao egregio escriptor *theatral*.

Entretanto forçoso é confessar, que desde já nos impressiona vivamente a perfeita organização d'aquelle cerebro! E' preciso ter os neurones muito bem equilibrados p'ra deitar aquillo tudo cá p'ra fora... mesmo no fim de quarenta e tres annos!... E se elle tivesse empregado aquelle tempo todo em fazer colheres?!

O titulo de peça — *Frei João Mocho* — é que, — por que occultal-o? — nos veio trazer serios embaraços! Como havemos agora chamar, de forma a evitar confusões, á nossa, que está quasi prompta, a sair do forno, quentina, e que já tinhamos assentado em registar com o nome de — *Lindos olhos tem o mocho?* ...

Nem Nones calcula a situação enrascada que nos criou!...

Enne-Ësse.

Na cantata ao 92, publicada no precedente numero do *Thalassa*, saiu — uvas de Nossa Senhora — em lugar de — uvas de Nossa Senhora. — Por muito que o sr. revisor se contrarie, uvas (l-u-v-a-s) é que é.

SEMPRE VICTORIOSO ...

As eleições administrativas tambem correram de vento fresco para o governo.

Ainda bem! O sr. Affonso Costa merece tudo isso e muito mais porque as opposições merecem muito mais e tudo isso.

A CEREMONIA DE SYGMARIGEN

Continua á venda na administração d'este semanario os poucos exemplares que restam da edição extraordinaria d'«O Thalassa», commemorando os esponsaes do sr. D. Manuel.

O seu custo é de 100 réis avulso e 110 réis pelo correio.

A "FRATERNIDADE,, D'ELLES

A proposito da anspensão *in partibus* do delegado de Macau, sr. Dr. Correia Mendes, que é acusado de «desleixo, pouco zelo, incompetencia, deslealdade, factiosismo e falta de respeito pelos seus superiores», o que achamos muito para um homem só, diz o *Rebate*:

«Aqui está uma resolução a que não temos duvida em dar a nossa aprovação mais plena, pois, além de tudo o mais que da portaria consta, o funcionario visado é um *thalassão* dos quatro costados.»

Ora aqui tem os leitores o que este paladino da *ideia nova*, da *pura democracia*, entende por liberdade de pensamento: acha bem e justa a perseguição porque o perseguido é um thalassa. Já o sr. Alfredo de Magalhães se não lembra quando passava o seu tempo em esgares de quadrumano, saltando gritos e dando saltos, pelas praças publicas da cidade do Porto quando da viagem que o sr. João Franco ali fez, que aliás o não destituiu do seu logar de lente da escola medica d'aquella cidade, antes se riu da sua grotesca attitude.

E' bom sempre olhar para traz...

QUE TRAPALHADA

Da *Lucta*:

«Registamos hoje a adhesão do sr. Manuel Ventura dos Santos Reis, proprietario e capitalista em Mattosinhos. O sr. Ventura dos Santos Reis nunca foi politico, e propoz-se agora candidato por Mattosinhos á Junta Geral do Porto. Antes da eleição, com a austeridade do seu character, o sr. Santos Reis declarou que se propunha como independente; o que não impediu que o incluíssem como democratico. E' com o maior prazer que registamos esta adhesão, do mais alto valor moral.»

Nunca foi politico, e filiou-se na União.

Diz bem a *Lucta*: que austeridade!...

???

Dizem para ahí que ha crise ministerial e que um dos orgãos affonistas já começou a preparar o terreno para a sahida dos *condemados* ao ostracismo, atirando-se a alguns como gato a bote.

Falla-se que sahirá o democrat sr. Almeida Ribeiro de ministro das colonias.

Nós propunhamos, por um principio de coherencia, que o substituisse o da *Enxada azul*; como se trata de colonias, preto ficava bem...

THEATROS

NACIONAL. — A's 9. — Este theatro abriu na sexta feira passada a sua epocha, com a *Honra Japoneza*, feliz adaptação de Mello Barreto.

AVENIDA. — A's 9. — A *rainha das rosas*, cuja belleza se tem vulgarisado, continua a ser o espectáculo querido do nosso publico, afim de apreciar o trabalho da distincta actriz Palmira Bastos e de José Ricardo. O brilho e o apparato com que a peça é apresentada são primorosos.

RUA DOS CONDES. — A's 6 1/2, 8 1/2 e 10 1/2. — Deve subir hoje á scena a revista *Pathé Jugal*, em 2 actos e 16 quadros, revestida com todo o brillantismo pelo acreditado *costumier* Castello Branco. A musica é a dos maestros Calderon e Alves Coelho.

COLYSEU DOS RECREIOS. — A's 9. — Estreiraram-se esta semana duas attracções de grande sensação: a revista scenica electrica em 3 quadros *Atravez de Londres*, que é apresentada pelas graciosas irmãs Rospay, e o trio de gymnastas equilibristas Zelina-Revelton, sendo muito applaudidas.

MODERNO. — A's 6 1/2. — Continua com agrado a revista *Os Grotoscos*. Vae ser em breve reduzida, afim de ser representada em duas sessões cada noite.

FANTASTICO. — A's 8 1/2 e 10 1/2. — N'este popular theatro continua em scena a revista *Grande fita*, tendo todas as noites boas enchentes.

A conferencia do "Chico" ou as confusões do Zé



Como Bruto foi senador, cá para o nosso Zé todos os senadores são Brutos...